

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

CONCERTO DEDICADO À CEREALIS

Olari Elts *direção musical*

Benjamin Schmid *violino*

20 Out 2018
18:00 Sala Suggia

-
ANO ÁUSTRIA

1ª PARTE

Peter Eötvös

Dialog mit Mozart (2016; c.17min)

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para violino e orquestra n.º 4 em Ré maior, KV 218 (1775; c.25min)

1. *Allegro*

2. *Andante cantabile*

3. *Rondeau: Andante grazioso – Allegro ma non troppo*

- Cadências de Benjamin Schmid

2ª PARTE

Gustav Mahler

Totenfeier, poema sinfónico para grande orquestra (1888/94; c.23min)

Adagio da Sinfonia n.º 10, em Fá sustenido maior (1910/11; c.22min)

1. *Andante – Adagio*

INTEGRAL DOS CONCERTOS PARA VIOLINO DE MOZART

17:15 Foyer Poente

Palestra pré-concerto por **João Silva**



Benjamin Schmid
sobre os Concertos de Mozart.

<https://vimeo.com/295767623>

MECENAS INTEGRAL CONCERTOS
PARA VIOLINO DE MOZART



FONDATION ADELMAN
POUR L'ÉDUCATION

TAP
AIRPORTUGAL

A STAR ALLIANCE MEMBER

Os músicos voaram na TAP Air Portugal,
a companhia aérea da Casa da Música.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESEAU EUROPEEN
DES CENTRES DE RECHERCHE
ET D'ÉTUDES MUSICALES

REMA
RESEARCH AND
EDUCATION
MUSIC ASSOCIATION

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Peter Eötvös

TRANSILVÂNIA, 2 DE JANEIRO DE 1944

Mozart e Eötvös: Áustria, Hungria e História

A inspiração no passado é uma tendência recorrente ao longo da História da Música. Contudo, diferentes épocas estabeleceram relações distintas com o cânone musical e as vanguardas pós-Segunda Guerra Mundial fizeram-no de uma forma muito particular. A estilização de texturas e géneros, o recurso ao pastiche irónico, a inspiração directa e a mistura de elementos do passado com a contemporaneidade são algumas formas de relação com o património sonoro empreendidas pelos compositores. Nesse contexto, destaca-se a ligação de Peter Eötvös à família Mozart. A partir do final da década de 60, Eötvös interessou-se pela correspondência entre Leopold e Wolfgang Amadeus Mozart, na qual sobressaía a turbulenta relação entre pai e filho. Dessa ligação resultaram duas obras: *Leopold e Amadeus* e *Correspondenz*. Assim, a palavra escrita lançou pontes entre os compositores afastados no tempo.

Contudo, essa relação foi aprofundada em 2013, quando a Fundação Mozarteum de Salzburgo, uma instituição fundada em 1841 e dedicada à conservação e à promoção da obra de Wolfgang Amadeus Mozart na sua cidade natal, apresentou a Peter Eötvös cadernos de esboços de Mozart que continham fragmentos musicais que nunca se materializaram em obras completas. No ano seguinte, foi apresentada a primeira obra baseada em alguns desses elementos. Tratava-se de *Da capo*, para cimbalo ou marimba e agrupamento de câmara. A peça foi estreada na Casa da Música por Miklós

Lukács e pelo Remix Ensemble a 6 de Maio de 2014 e adaptada para orquestra dois anos depois. O título da nova obra é *Diálogo com Mozart* e a sua estreia deu-se em Salzburgo a 15 de Dezembro de 2016, integrada na comemoração dos 175 anos da Fundação Mozarteum. A apresentação esteve a cargo da orquestra da instituição, dirigida pela jovem maestrina lituana Mirga Grazinyte-Tyla.

Eötvös recorreu ao mesmo material musical de *Da capo*, apresentando uma obra em que os temas de Mozart são escolhidos de acordo com as possibilidades de transformação no âmbito de um paradigma contemporâneo. Temas que, hipoteticamente, iriam integrar missas e óperas foram escolhidos e transformados pelo compositor numa obra orquestral. Assim, as melodias mozartianas emergem e submergem numa sucessão de texturas contrastantes ao longo da obra. A estilização da escrita da época faz-se através de uma abordagem quase camerística, remetendo para os agrupamentos para os quais Mozart destinou as suas obras. Dessa forma, a circulação de materiais pelos instrumentos de diversos timbres é um elemento essencial em *Diálogo com Mozart*. Contudo, a abordagem colorida a uma secção de percussão alargada em relação à orquestra clássica coloca a peça na contemporaneidade. O recurso ao contraponto combina-se com a estilização do ritmo e da orquestração do século XVIII, numa obra em que os fragmentos de Mozart se encontram organicamente fundidos com a música de Eötvös.

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

A vida musical em Salzburgo e o Concerto para violino e orquestra n.º 4

Na época dos Mozart, Salzburgo era uma cidade administrada por um Príncipe-Arcebispo. Situada entre o Reino da Baviera e o Império dos Habsburgos, a sua corte arquiépiscopal era um dos principais empregadores de músicos. Foi nesse contexto que Leopold Mozart, destacado violinista e compositor, desenvolveu grande parte da sua carreira. Lá nasceram os seus filhos Wolfgang Amadeus e Maria Anna, que estudaram com Leopold e viajaram com este, apresentando-se enquanto meninos-prodígio em diversas cortes europeias. Regressados a Salzburgo, o filho Wolfgang foi empregado pela corte do Príncipe-Arcebispo. Paralelamente, escreveu obras destinadas a outras cortes da cidade, então um importante centro do Iluminismo tardio graças à acção do Príncipe-Arcebispo Hieronymus Colloredo, um déspota esclarecido que empreendeu várias reformas na cidade.

O principal eixo de produção para os compositores que trabalhavam em Salzburgo era a música religiosa. Contudo, Mozart destacou-se sobretudo através da música instrumental e da música vocal profana. Serenatas, divertimentos e árias foram alguns dos géneros cultivados. Paralelamente, escreveu quatro dos seus concertos para violino entre 1775 e 1777. O Concerto para violino n.º 4 data de Outubro de 1775 e é um excelente mostruário da escrita para esse instrumento no tardo-Classicismo. De acordo com relatos da época, Mozart era um bom violinista que dominava os mecanismos

técnicos associados ao instrumento. Contudo, não sabemos se os concertos para violino foram estreados pelo compositor, apesar de alguns relatos apontarem para a possibilidade deste os poder ter apresentado em outros locais.

O primeiro andamento do Concerto é uma forma *allegro* de sonata com recurso a um breve *ritornello*, misturando características barrocas com as formas expressivas do Classicismo. O *ritornello* afirmativo remete para a estilização de uma fanfarra militar, com os instrumentos em uníssono. Essa textura é remanescente da abordagem galante à orquestração cultivada na corte de Mannheim e na Itália da época. O segundo tema exposto pela orquestra contrasta com o refrão pelo seu lirismo. Seguidamente, o solista faz a sua entrada com a apresentação de um tema novo. A quantidade de temas usados no concerto aponta para a facilidade de Mozart em construir e apresentar melodias. Se a secção intermédia consiste, usualmente, no desenvolvimento dos temas apresentados, neste concerto é o espaço em que o solista apresenta e elabora figurações virtuosísticas que não se encontram directamente relacionadas com a exposição. Esse impulso conduz à reexposição, que tem início com uma das secções de transição da exposição do solista e não com o *ritornello* inicial. O *Andante cantabile* encontra-se numa forma sonata sem desenvolvimento, ou seja, consistindo apenas de exposição e reexposição. O carácter lírico é enfatizado pela orquestração, sendo que a vocalidade operática perpassa pelo papel do solista. A placidez e a elegância atravessam o andamento, conduzindo a uma cadência solista antes da sua conclusão. O concerto termina com um andamento vivo e lúdico numa forma rondó-sonata em textura de dança. A fantasia e a inventividade do compositor revelam-se nas constantes surpresas ao

longo do percurso da obra, sejam estas rítmicas, melódicas ou harmónicas. Neste concerto, virtuosismo e expressividade fundem-se com os registos da ópera cómica da época, numa obra que mistura humor e rusticidade com elegância e sofisticação.

Gustav Mahler

KALISTE, 7 DE JULHO DE 1860

VIENA, 18 DE MAIO DE 1911

O legado sinfónico de Gustav Mahler: juventude e estilo tardio

O presente concerto apresenta duas obras sinfónicas de Mahler pertencentes aos extremos da sua carreira. *Totenfeier* foi composto em 1888, pouco depois da escrita da Sinfonia n.º 1, obra que teve uma recepção atribulada. Posteriormente, Mahler reviu esse poema sinfónico e apresentou-o como primeiro andamento da Sinfonia n.º 2. A Sinfonia n.º 10 foi a última obra em que o compositor trabalhou, tendo ficado incompleta. Assim, encontramos dois momentos muito diferentes da vida criativa de Mahler, escritos num período de transição do Romantismo para o Modernismo. *Totenfeier* (Ritos Fúnebres) foi estreado em Berlim a 16 de Março de 1896, sob direcção do compositor, então um maestro reconhecido. Aliás, foi nessa qualidade que Mahler se fixou em Leipzig, onde escreveu algumas das suas primeiras obras em grande escala. Nessa cidade, foi maestro-assistente da Ópera, destacou-se na apresentação dos dramas musicais de Richard Wagner e na recuperação de óperas de Carl Maria von Weber.

Totenfeier é uma meditação sinfónica sobre a morte e a fugacidade da vida, elementos recorrentemente presentes na obra de Mahler. Escrito para grande orquestra e numa forma que remete para uma abordagem complexa e rapsódica da forma *allegro* de sonata, apresenta igualmente características narrativas. O primeiro grupo temático é apresentado pelas cordas graves, numa textura estilizada de marcha que remete para uma atmosfera de *pathos*. O compositor adiciona

diversas camadas sonoras a esse *leitmotif*, que emerge frequentemente ao longo da obra. A relação de Mahler com o legado wagneriano é evidente, sobretudo no que toca à orquestração. O segundo grupo temático é inserido sem preparação: uma longa melodia de características tardo-românticas exposta pelas cordas. Contudo, Mahler não se demora nesse tema, retornando ao material inicial da obra. O desenvolvimento é iniciado pelo segundo tema, mas o *leitmotif* inicial é introduzido de forma discreta, levando a marcha até ao clímax do andamento, uma reexposição em que os materiais são reorquestrados de forma a potenciar um certo distanciamento, através de um exagero que enfatiza o grotesco. O segundo tema introduz a *coda*, concluindo *Totenfeier* com a submersão da textura até se reduzir ao elemento primordial, uma única nota.

O contexto que originou a Sinfonia n.º 10 foi substancialmente distinto. Nessa altura, Mahler era o aclamado director da Orquestra Filarmonica de Nova Iorque e um compositor reconhecido. Contudo, as exigências do trabalho com a orquestra remetiam a composição para os meses de Verão, quando Mahler estanciava na Caríntia. Assim, grande parte dos esboços da Sinfonia n.º 10 foram escritos no Verão de 1910. Na altura, a estreia da Sinfonia n.º 8 em Munique obteve um sucesso considerável. Contudo, foi um período complicado na vida do compositor: a doença cardíaca crónica que o afectava impunha-lhe algumas limitações e descobriu que Alma, a sua mulher, mantinha um caso com o jovem arquitecto Walter Gropius, revelação que o abalou significativamente.

A Sinfonia n.º 10 sobreviveu em esboços e foi objecto de diversas tentativas de reconstrução, processo iniciado na década de 20 por iniciativa de Alma Mahler. Hoje, iremos ouvir a

versão constante da edição crítica preparada por Reinhold Kubik e Karl Heinz Füssl.

A sinfonia começa com o andamento lento que integra o presente concerto, introduzido por uma melodia sinuosa e cromática apresentada pelas violas, cuja ambiguidade nos remete para o contexto da procura do intangível. Esse recitativo introduz material musical que será recorrentemente apresentado e conduz ao *Adagio*, uma complexa forma sonata construída em torno de um tema principal. Esse tema é interpolado com elementos evocativos de uma dança rústica, remetendo para a estilização do popular, um traço da obra de Mahler. A sucessão e a sobreposição contrapontística dos elementos é uma característica do desenvolvimento, de intensificação cumulativa de tensão e de contrastes surpreendentes. Contudo, o clímax do *Adagio* encontra-se na reexposição, em que a tensão é elevada exponencialmente pela acumulação de dissonâncias e por uma reorquestração que potencia o dramatismo da ocasião. Após encadeamentos modais de acordes, chegamos à apresentação e repetição de um acorde altamente dissonante, que rapidamente dá lugar às melodias delicadas do início do andamento. A repetição dos dois temas iniciais numa textura progressivamente mais rarefeita e etérea, sublinhada pelas transformações harmónicas, conduz a obra ao fim. Dessa forma, Romantismo e Modernismo encontram-se na última obra de um dos grandes sinfonistas da História da Música.

JOÃO SILVA, 2018

Olari Elts *direcção musical*

Olari Elts conquistou grande respeito no panorama musical internacional graças ao seu estilo de programação singular e imaginativo. Trabalha regularmente com agrupamentos como a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Orquestra RTÉ de Dublin, a Filarmónica da Rádio dos Países Baixos, as Filarmónicas de Varsóvia, Roterdão, Eslovénia, Luxemburgo, Seul e Malásia, as Orquestras Nacionais de França e de Lyon, as Sinfónicas de Seattle, de Melbourne e do Porto Casa da Música e a Orquestra do Centro Nacional de Artes de Ottawa. Colabora com solistas como Jean-Efflam Bavouzet, Gautier e Renaud Capuçon, Brett Dean, Isabelle Faust, Alban Gerhardt, Martin Grubinger, Martin Helmchen, Stephen Hough, Lucas & Arthur Jussen, Felix Kleiser, Kari Kriikku, Sally Matthews, Karita Mattila, Alexander Melnikov, Maxim Rysanov, Baiba Skride, Lara St. John, Simon Trpčeski e Antoine Tamastit.

Na temporada de 2018/19, Elts dirige pela primeira vez a Sinfónica da BBC, a Filarmónica da Radio France, a Orquestra do Festival de Budapeste, a Riga Sinfonietta e a Sinfónica de Bilkent. Regressa às suas colaborações regulares com a Sinfónica Cidade de Birmingham, a Orquestra do Ulster, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Sinfónica Yomiuri Nippon, entre outras. Nesta temporada é editada a gravação de obras do compositor estónio Heino Eller, entre as quais o seu Concerto para violino com Baiba Skride e a Filarmónica Nacional da Estónia. A discografia de Olari Elts para a Ondine inclui um disco recente de obras de Erkki-Sven Tüür, ao lado da Tapiola Sinfonietta, com o Concerto para viola interpre-

tado por Lawrence Power, e ainda a edição da Sinfonia n.º 5 para guitarra eléctrica, orquestra e big band e do Concerto para acordeão *Prophecy*, ambas também de Tüür. Conquistou os maiores elogios a sua gravação de arranjos de Brahms (Detlev, Berio), de 2016, com a Filarmónica de Helsínquia.

Gravou também os Concertos para violino de Borgström e Chostakovitch com Eldbjørg Hemsing e a Sinfónica de Viena para a BIS, e a Sinfonia n.º 5 de Poul Ruders com a Sinfónica Nacional Dinamarquesa para a Bridge Records.

No domínio da ópera, Elts dirigiu obras como *Eugene Onegin*, *Don Giovanni* e *Idomeneo* de Mozart, *La Damnation du Faust* de Berlioz, etc. No que respeita ao cruzamento de géneros, apresenta-se na Konzerthaus de Berlim com uma produção de teatro musical de *Sonho de Uma Noite de Verão*, combinando as obras de Mendelssohn e Shakespeare, ao lado da companhia de teatro NO99 de Tallinn. Celebrando o centenário de Leonard Bernstein, Elts dirigiu o cine-concerto *Há Lodo no Cais* com a interpretação ao vivo da banda sonora do filme, na Casa da Música.

Olari Elts é Conselheiro Artístico da Kymi Sinfonietta e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia. Foi Maestro Convidado Principal da Filarmónica de Helsínquia (2011-2014), da Orquestra da Bretanha (2006-2011) e da Orquestra de Câmara da Escócia (2007-2010); e Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Nacional da Letónia (2001-2006). Nasceu em Tallinn, em 1971, e é fundador do agrupamento de música contemporânea NYDD Ensemble.

Benjamin Schmid *violino*

Benjamin Schmid é um dos violinistas mais versáteis da actualidade, com um estilo muito pessoal e um repertório excepcionalmente vasto, centrado na interpretação de obras de compositores austríacos como Berg, Goldmark, Korngold, Kreisler, Mozart, Muthspiel, Schoenberg e Webern. Toca e grava regularmente com a pianista Ariane Haering, com quem se foca essencialmente em Mozart. Desde 2011, têm editado partituras de sonatas e fragmentos nunca antes publicados deste compositor para a editora Henle Verlag. Schmid tem uma carreira igualmente bem-sucedida no jazz, apresentando regularmente o seu projecto *Hommage à Grappeli* em salas dedicadas ao jazz e também à música erudita.

A sua agenda para 2018/19 inclui digressões pela Suécia, Portugal e Espanha. Prossegue a sua residência artística na Casa da Música, interpretando os Concertos para violino de Mozart. Regressa à Orquestra Sinfónica do Principado de Astúrias em Oviedo e à Sinfónica da Rádio Televisão Espanhola em Madrid. Ainda nesta temporada, regressa à Sinfónica da Rádio de Viena (ORF) para tocar o Concerto para violino de Korngold sob a direcção de Cristian Măcelaru na Konzerthaus de Viena.

A agenda preenchida de Schmid inclui colaborações regulares com agrupamentos como as Orquestras de Câmara Australiana e de Israel, a Philharmonia, as Orquestras do Concertgebouw, da Gewandhaus de Leipzig e da Tonhalle de Zurique, as Filarmónicas de Roterdão, São Petersburgo e Árctico (Noruega), a Sinfónica de Toronto, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra da Rádio Finlandesa e, nos EUA, a Sinfónica Nacional de Washington, a Sinfónica de Houston, a Filarmónica de Naples, a Naples

Philharmonic Jazz Orchestra e as orquestras do Curtis Institute. Na Ásia, toca com a Nova Filarmónica do Japão, a Sinfónica de Singapura e a Orquestra do Festival de Hong Kong, entre outras. Desenvolve uma relação de especial proximidade com a Filarmónica de Viena: participou no concerto de abertura do Festival de Salzburgo em 2004 e tocou a versão de Fritz Kreisler do Concerto para violino de Paganini sob a direcção de Valery Gergiev em 2001 (um concerto lançado em CD e DVD pela Deutsche Grammophon e transmitido para mais de 60 países). É também convidado habitual dos principais festivais europeus de música de câmara.

Benjamin Schmid tem vindo a construir uma extensa discografia que inclui cerca de 40 CD, muitos deles premiados. Ganhou o Prémio ECHO Klassik, foi Escolha do Editor da Gramophone e integrou a Strad Selection. Foi nomeado para o Prémio da Crítica Discográfica Alemã pela gravação do Concerto para violino de Wolf-Ferrari. O seu último álbum com o Concerto para violino de Ligeti foi eleito “Gravação do Mês” pela revista Gramophone.

Benjamin Schmid ganhou diversos prémios internacionais, incluindo os Prémios Mozart, Beethoven e do Público no Concurso Flesch em 1992.

Para além da sua carreira enquanto intérprete, lecciona no Mozarteum de Salzburgo e orienta masterclasses na Escola Superior de Música de Berna. Toca com um violino Stradivarius “ex Viotti” de 1718, cedido pelo Banco Nacional da Áustria. Em 2017 integrou o júri do Concurso Internacional de Música ARD, na categoria de violino.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austríaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também em prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren
Ana Beatriz Manzanilla*
Radu Ungureanu
Iarina Khmelik
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Andras Burai
Emília Vanguelova
José Despujols
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Flávia Marques*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Mariana Costa
Paul Almond
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Raquel Santos*
José Sentieiro
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Joana Pereira
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Emília Alves
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Hrant Yeranossyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Sławomir Marzec
Nelson Fernandes*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Eldevina Materula
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Asensio Argiler*

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

21 Out Dom - 18:00 Sala Suggia
Alfred Brendel
“On playing Mozart”

Palestra-recital

Ciclo Piano Fundação EDP

26 Out Sex - 21:00 Sala Suggia
O Mundo de Mahler

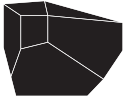
Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann direcção musical

Quem era Mozart? De que forma chamou a atenção dos seus contemporâneos? Até que ponto a sua notação deve ser literalmente interpretada? De que forma se comparam as suas poucas obras em tons menores com as muitas em tons maiores? E os seus concertos com as sonatas? Um célebre intérprete de Mozart dá os seus conselhos nesta palestra-recital dedicada ao compositor genial que marcou o Classicismo vienense. Dez anos depois de encerrar uma brilhante carreira de concertista que se estendeu por seis décadas, Alfred Brendel regressa ao palco onde inaugurou a primeira temporada de piano da Casa da Música, em 2005. Recorrendo a exemplos tocados em palco e às suas interpretações registadas em disco, o lendário pianista austríaco revela alguns dos segredos que o tornaram uma referência mundial.

Gustav Mahler Sinfonia nº 7

Cem anos após a estreia em Praga, a *Sétima Sinfonia* mantém-se entre as obras mais enigmáticas da história da música ocidental. Das nove sinfonias escritas por Mahler, será provavelmente a mais arrojada no uso das harmonias, nela abundando dissonâncias e modulações súbitas. “Qual o andamento de que eu mais gosto? Todos eles!”, escreveu Arnold Schoenberg ao compositor austríaco, numa carta que demonstra a sua admiração pela sinfonia “com o ambiente certo do início até ao fim”. Sobre o triunfante final em Dó maior que tantas controvérsias ainda hoje suscita, Mahler esclareceu: “O mundo é meu!”



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

